



ORIENTE MÉDIO

Netanyahu dissolve o gabinete de guerra

Primeiro-ministro de Israel põe fim à instância decisória sobre a ofensiva militar na Faixa de Gaza, depois da renúncia de dois integrantes centristas. Especialista vê a medida como uma tentativa de impedir a influência da extrema direita

» RODRIGO CRAVEIRO

Um racha no governo de unidade de emergência formado após o massacre de 7 de outubro de 2023 — quando o grupo extremista palestino Hamas invadiu o sul de Israel e matou 1,1 mil pessoas — levou o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu a dissolver o gabinete de guerra. A decisão foi anunciada oito dias depois de Benny Gantz, líder do partido União Nacional (centro) e ex-ministro da Defesa, apresentar sua renúncia e exigir a convocação de eleições, ao culpar o premiê por impedir “uma vitória real” na Faixa de Gaza. Pouco depois da saída de Gantz, o ex-chefe do Estado-Maior Gadi Eisenkot acompanhou o colega de partido e abandonou o gabinete de guerra. O fim da instância decisória sobre a ofensiva contra o Hamas coincide com o aumento da pressão sobre Netanyahu.

Dezenas de milhares de israelenses ocuparam as imediações do Knesset (Parlamento), em Jerusalém, para cobrar a antecipação das eleições, protestar contra o governo e pedir a imediata libertação de todos os reféns em poder do Hamas. Durante a noite, uma marcha perto da casa de Netanyahu foi reprimida pela polícia, e nove pessoas acabaram detidas.

A dissolução do gabinete de guerra seria uma tentativa de Netanyahu de minar as influências da extrema direita, inclusive do ministro de Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, sobre os rumos do conflito na Faixa de Gaza. Com as renúncias de Gantz e de Eisenkot, o gabinete tinha ficado com apenas três integrantes: o ministro da Defesa, Yoav Gallant; o ministro de Assuntos Estratégicos, Ron Dermer; e o conselheiro de Segurança Nacional, Tzachi Hanegbi. De acordo com a mídia israelense, Netanyahu anunciou a medida durante reunião com todos os ministros, na noite de domingo. “Para alcançarmos a meta de eliminar as capacidades do Hamas, temos tomado decisões que nem sempre eram aceitáveis para o escalão militar. Nós temos um país com um exército, e não um exército com um país”, advertiu o premiê.

O jornal *The Jerusalem Post* divulgou que documentos revelam que as Forças de Defesa de Israel

Menahem Kahana/AFP



Protesto contra o governo, em frente ao Knesset (Parlamento), em Jerusalém: ato pede eleições antecipadas e libertação de reféns do Hamas

Decisões sobre a mesa

O que era o gabinete de guerra? Criado em 11 de outubro de 2023, quatro dias depois de centenas de extremistas do Hamas invadirem o sul de Israel e matarem 1,1 mil pessoas. Sua principal função era acelerar as decisões tomadas sobre as operações militares na Faixa de Gaza.

Quem fazia parte dele? O gabinete de guerra de Netanyahu era composto por seis políticos: o próprio primeiro-ministro Benjamin Netanyahu; seu principal adversário político, o ex-general Benny Gantz; o ministro da



Defesa, Yoav Gallant; o ex-ministro do Interior Aryeh Deri; o ex-chefe do Estado-Maior general Gadi Eisenkot; e o ministro de Assuntos Estratégicos, Ron Dermer. Gantz e Eisenkot renunciaram em 9 de junho passado.

Como funcionava o fluxo de decisões?

(IDF) sabiam dos planos do Hamas de invadir o país e sequestrar pelo menos 250 pessoas. “As IDF tinham informações precisas sobre as intenções do Hamas, mas, devido às concepções prevalentes no sistema de segurança e à possível negligência por parte dos funcionários, os sinais de alerta não foram postos em prática”, afirmou.

O iraquiano-americano Alon

Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio, disse ao *Correio* que não ficou surpreso com a dissolução do gabinete de guerra, depois das renúncias de Gantz e de Eisenkot. “Ele não teve escolha. Os membros remanescentes eram integrantes do governo de coalizão”, explicou. “Minha preocupação é

que dois dos mais messiânicos e extremistas membros do governo Netanyahu, Ben-Gvir e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, buscavam substituir Gantz e Eisenkot no gabinete de guerra. O premiê não poderia ceder e se impôs, para deixar que ele próprio, Dermer, Gallant e Aryeh Deri, chefe do partido ultraortodoxo Shas, tomassem as decisões.

As decisões tomadas pelo gabinete de guerra eram sempre apresentadas à apreciação de um gabinete de segurança maior.

O que acontece agora?

A expectativa é de que Netanyahu realize consultas em menor escala para temas sensíveis sobre a guerra. Nesse sentido, ele pode, inclusive, recorrer ao gabinete de segurança, composto por aliados da extrema direita que se opõem a acordos de cessar-fogo e defendem a expulsão dos palestinos para a Península do Sinai e a reconquista da Faixa de Gaza.

De acordo com Ben-Meir, a resistência de Netanyahu em convocar eleições, dissolver o governo e formar novo governo de coalizão com partidos do centro e de centro-esquerda tem causado preocupações por parte dos israelenses e dos Estados Unidos. “A guerra poderá se prolongar, e a negociação de um cessar-fogo poderá continuar a estagnar, caso

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Netanyahu faz tudo o que pode para se manter no poder. Essencialmente, ele permite que ministros messiânicos ditem a agenda e teme que, caso não siga suas demandas insanas — esmagar o Hamas e reocupar Gaza —, eles renunciem e o governo entre em colapso. É uma situação terrível para Israel. Enquanto isso, o sangue de palestinos e israelenses continuará a ser derramado por causa de interesses cruéis e egoístas de Benjamin Netanyahu e de Yahya Sinwar (líder do Hamas em Gaza).”

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York

as partes envolvidas no conflito não cheguem a um acordo”, advertiu. Apesar das manobras de Netanyahu para reduzir o poder da extrema direita sobre a guerra de Gaza, o professor acredita que a pressão sobre o premiê continuará a intensificar, tanto por parte do governo e da opinião pública, que têm exigido a libertação dos reféns, quanto de Joe Biden. “O presidente norte-americano está farto de Netanyahu e deseja o fim das hostilidades”, acrescentou Ben-Meir.

Vivos

Sob condição de anonimato, um negociador israelense disse à agência France-Presse (AFP) que dezenas de reféns do Hamas estão vivos na Faixa de Gaza e que Israel não pode aceitar um cessar-fogo até que todos eles sejam libertados. Das 251 pessoas que foram sequestradas durante o ataque do movimento islamista palestino Hamas em Israel, em 7 de outubro, 116 ainda estão retidas em Gaza, e dessas, 41 teriam morrido, segundo o Exército israelense. Por sua vez, as IDF afirmam controlar metade da cidade de Rafah, no sul do enclave palestino, e preveem eliminar o grupo extremista da região em duas semanas.

COREIA DO NORTE

Visita de Putin incomoda os Estados Unidos

Quase quatro meses depois de o ditador norte-coreano, Kim Jong-un, visitar o extremo leste da Rússia a bordo de um trem blindado, o presidente russo, Vladimir Putin, viaja, hoje, a Pyongyang como forma de retribuição e para ampliar a “cooperação estratégica” entre os dois países. Antes de embarcar, Putin agradeceu à Coreia do Norte pelo respaldo à guerra na Ucrânia. “Apreciamos muito que a RPDC (Coreia do Norte) apoie firmemente a operação militar especial da Rússia na Ucrânia”, escreveu o chefe do Kremlin, em artigo publicado pela agência estatal KCNA, ao acrescentar que os dois países ampliarão a “cooperação recíproca e equitativa”. O líder

russo também disse que Moscou “apoiará constantemente” a Coreia do Norte no futuro.

O assessor diplomático de Putin, Yuri Ushakov, apresentou a viagem como um evento importante para ambos os países, atingidos por sanções ocidentais. “Vários documentos serão assinados”, entre os quais haverá “documentos importantes, muito significativos”, disse o assessor, citado pelas agências estatais. Ele mencionou a “possível” assinatura de “um acordo de cooperação estratégica global”, que seria uma versão atualizada de um tratado assinado durante a última visita de Putin ao país, 24 anos atrás.

A viagem histórica de Putin a

Piongyang causou preocupação nos Estados Unidos e na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Jens Stoltenberg, secretário-geral da aliança militar ocidental, afirmou que a visita de Putin mostra o quanto a Rússia necessita do apoio de líderes autoritários para realizar sua ofensiva na Ucrânia. “Isso mostra o quanto o presidente Putin, e Moscou, estão agora dependentes de países autoritários ao redor do mundo”, declarou.

“Não nos preocupa a viagem. O que nos preocupa é o aprofundamento da relação entre esses dois países”, admitiu o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby. Segundo ele, a preocupação

não se limita à utilização “de mísseis balísticos norte-coreanos para atacar alvos ucranianos, mas (também) pela possibilidade de existir certa reciprocidade que possa afetar a segurança na Península Coreana”.

De acordo com Moscou, Putin chegará na terça-feira à noite (hoje pela manhã, no horário local) em Pyongyang, onde assistirá a um concerto em sua homenagem. O líder russo estará acompanhado do chanceler, Sergei Lavrov; do ministro da Defesa, Andrei Belousov; de dois vice-primeiros-ministros e do diretor da agência espacial russa, Roscosmos. Após viajar à Coreia do Norte, o presidente russo visitará o Vietnã em 19 e 20 de junho.

Mikhail Metzel/AFP



Kim (D) é recebido por Putin, no leste da Rússia, em setembro passado

“Irmãos de armas”

Em março, a Rússia utilizou seu direito de veto no Conselho de Segurança da ONU para encerrar o sistema de monitoramento das sanções impostas à Coreia do Norte, que foram instauradas principalmente por causa do programa nuclear de Pyongyang. Na última

quarta-feira, Kim Jong-un enalteceu os laços “inquebrantáveis, de irmãos de armas” entre Pyongyang e Moscou, que datam da época soviética. Kim tinha afirmado, em setembro de 2023, durante uma viagem à Rússia, que os vínculos com Moscou são a “prioridade número um” de seu país.